Todo animal é um ser incompleto, como tal é inerente a ele a curiosidade. Sua incompletude se dá no fato de que amanhã ele será um incremento do que é hoje, e assim se dá a cada amanhã, até o momento final em que ele que ele deixa de ser.

Isso, claro, não deixa de incluir os humanos, que, também incompletos e curiosos como os animais se incrementam dia a dia em busca de completar o incompletável. No entanto, diferentemente dos animais, o homem tem consciência de sua existência no tempo. O homem é, portanto, um ser histórico.

Essa consciência da própria existência no tempo, de sua historicidade, possibilita à nossa espécie transformar a curiosidade em uma busca racional por ser-mais. Assim, permite a reflexão crítica do passado como causa do presente e o futuro como consequência (efeito) do presente. Entende assim, que sua existência pode influenciar esse processo de causalidade e transformar sua própria realidade.

A influência ser negativa ou positiva é o campo chamado Ética. Já a percepção das diversas influências humanas ou naturais que impactam numa determinada causalidade histórica, nos dando a capacidade de entender como o mundo funciona, é o Aprendizado.

Não existe neutralidade/homogeneidade no aprendizado, os modelos mentais (as réplicas da realidade constituídas por pensamentos) que temos são únicos, não existem modelos idênticos em duas pessoas diferentes. Afinal, são constituídos a partir de nossas experiências, que por sua vez, também são únicas. Cada um aporta no aprendizado suas próprias emoções e experiências. Assim, ninguém aprende igual, tampouco aprende tudo, tampouco aprende sozinho.

Não se aprende sozinho porque não há motivo algum para refutar nosso próprio modelo mental quando estamos errados, nem mesmo reforçar quando estamos certos. Isso só se dá pela colaboração com o outro. É no diálogo que reforçamos, refutamos ou reformamos nossos modelos mentais. Afinal, por meio dele somos expostos às visões únicas que o outro tem pelo objeto que desejamos aprender, que pode se somar, contradizer, reforçar e algumas vezes revolucionar as nossas próprias visões e nossos modelos.

Muitas vezes, tomamos o conceito de ensino como a versão ativa do aprendizado, que seria, por sua vez, passivo. Uma falsa ideia de que o outro é capaz de “depositar” um conhecimento em nós. Isso não é possível, não existe depósito, aprender é um esforço do aprendiz, de satisfazer sua curiosidade, mitigar sua incompletude, de ser-mais do que era no momento anterior.

O resultado desse raciocínio é que quem ensina não é o outro, mas o diálogo com o outro, afinal nunca dizemos que aprendemos alguém, mas sim com (junto com) alguém. Ao aprender pelo diálogo, cuja partícula “di” no começo da palavra implica um caminho de mão dupla, também ensinamos, contanto que o outro também tenha a pré-disposição em aprender.

O professor, nesse contexto, é apenas um entre os outros. As únicas coisas que ele tem de especial são uma compreensão mais ampla e mais sólida do objeto que o grupo deseja conhecer, e uma disposição ética de compartilhar essa compreensão. No entanto, é no diálogo com o professor e com os pares, que o conhecimento se cria. E nesse diálogo o professor também aprende.

Sendo assim, a condição para uma boa aula é a curiosidade, a vontade de ser mais, saber mais. Já a condição para o diálogo é a soma de respeito e generosidade. O respeito de ouvir a visão do outro sobre o objeto a ser aprendido com vontade de aprender mais e a generosidade de oferecer a sua visão, que é única, sobre esse mesmo objeto para que o outro aprenda com ela.

Aos prezados educandos-educadores da turma 63BDAZA, 1º sem. de 2018

Gabriel Militello